

DELIGNY, Fernand. Journal d'un éducateur (1966). In: _____. *Œuvres*. Édition établie e présentée par Sandra Alvarez de Toledo. Paris: L'Arachnéen, 2007. pp. 11-19.

[11]

DIÁRIO DE UM EDUCADOR* (1966)

Fernand Deligny*

Novembro de 1965

O mínimo gesto tem uma história. A vinte quilômetros do lugar de onde escrevo, há um castelo do século XIII cheio de crianças retardadas¹.

É um costume bem recente o de enviar as crianças retardadas para castelos. Eles não têm nada a ver. Eles não fizeram a revolução.

* Publicado originalmente em *Recherches*, nº. 1, CERFI, Paris, janeiro de 1966. Relançado em *Œuvres* (reedição em volume único dos livros e textos de Fernand Deligny, estabelecida e apresentada por Sandra Alvarez de Toledo), Éditions L'Arachnéen, Paris, 2007. A numeração entre colchetes remete à paginação desta reedição.

* Devido à momentânea inexistência de traduções das obras de Deligny em português (está em preparação, pela Editora n-1, a publicação de um dos seus livros no Brasil), convém uma nota de apresentação sobre o autor deste *Diário*: Fernand Deligny (1913-1996), educador, escritor, pesquisador e cineasta francês, dedicou a maior parte de sua vida ao trabalho com jovens delinquentes e crianças autistas em seu país. Durante a Segunda Guerra, inicia seu trabalho como educador especial, aproximando-se em seguida de experiências como a do laboratório de Henri Wallon em Paris e da clínica de La Borde, conduzida por Jean Oury e Félix Guattari. É, contudo, em Cévennes que Deligny realiza a mais intrigante de suas apostas: *viver* com os autistas, sem imperativos terapêuticos ou pedagógicos prévios a esta convivência. Embora suas experiências (ele preferia chamá-las de “tentativas”) sejam curiosamente ignoradas no campo educacional e nas práticas psicológicas – mesmo na França –, seu pensamento repercutiu indiretamente no Brasil através das frequentes remissões feitas a ele por Gilles Deleuze e Félix Guattari (particularmente em *Mil Platôs; capitalismo e esquizofrenia*, 1980) que se inspiram em ideias formuladas por Deligny na companhia destas crianças e de sua crítica implacável ao império da linguagem para propor uma imagem “cartográfica” do pensamento (op. cit.). Sua incursão pelo cinema – através da qual trava contato com Chris Marker, André Bazin e François Truffaut, colaborando decisivamente com este último na preparação do roteiro do célebre filme *Os incompreendidos (Les quatre cents coups*, 1959) – o encorajou a realizar *Le moindre geste* (“O mínimo gesto”, 1971, inédito no Brasil) em colaboração com Josée Manenti e Jean Pierre Daniel, além da participação em outros filmes relacionados à *tentativa* de Cévennes. Tendo escrito uma obra numerosa, Deligny conta entre seus principais livros com *Les vagabonds efficaces* (1947), *Cahiers de L'immuable* (1975/76) e *Les enfants et le silence* (1980).

¹A partir da Declaração de Montreal sobre Deficiência Intelectual, aprovada em 06/10/2004 pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2004), em conjunto coma Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), o termo “retardo mental” foi substituído por “deficiência intelectual”. A partir de então, a expressão oficial seria “Pessoa com Deficiência Intelectual”. Entretanto, é preciso ter em mente que este texto foi escrito em 1966, quando a palavra empregada por Deligny (*arriérés*) era de uso corrente nos hospitais psiquiátricos e instituições educacionais. No decorrer deste breve “diário”, mantivemos a mesma tradução para todas as ocorrências da palavra, uma vez que ela cumpre uma função narrativa central neste texto.

Alguém sensato poderia, inclusive, indagar o que fazem ali esses resíduos e por que ainda os conservamos com vida, enquanto, no mesmo instante da história, do outro lado da terra, que é redonda, soldados americanos lançam bombas sobre algumas crianças bem vivas, que mesmo inteligentes, são queimadas vivas às dezenas.

É verdade que estas crianças retardadas vivem neste castelo de Sologne totalmente fora do tempo e do espaço, perdidamente apolíticos, e esta é a recompensa do destino: vivem tranquilos num castelo do século XIII.

Livres. São livres. Podem expressar-se livremente, mediante toda classe de onomatopeias. Nem sequer estão obrigados a usar as palavras tal como são. Possuem tintas e lápis para expressar-se, uma vez mais, livremente. Não necessitam fazer o menor gesto útil. Aposentados de nascença.

Junho de 1941

Tenho uma classe de crianças retardadas em um imenso hospital psiquiátrico em Armentières, na região do norte. São quinze em uma sala de paredes claras, com bonitas mesas novas, [12] e eu sou o professor. Quinze idiotas² de avental azul e eu, o professor, no rumor desse casarão de seis pisos que contém seiscentas ou setecentas crianças retardadas. No rumor desse casarão cheio de gritos estranhos, agora encobertos pelo ruído quase universal da guerra.

Maio-Junho de 1940

Perto do Loire, ao longo de um muro, a um metro desse muro, os soldados, que estavam aqui antes de nós, empilharam sacos de farinha para forjar um abrigo. Somos cinco em um caminhão, o céu está azul. Os aviões têm o tamanho de cabeças de alfinete, alfinetes de diamante que lançam finas espadas de luz. Nossos olhos choram de tanto observar. Vão bombardear. Nos agachamos, encostados ao muro. A estrada passa pelo

² Aqui o termo se refere a pessoas afetadas por idiotia – deficiência intelectual profunda –, na tradição psiquiátrica o termo representa o grau mais elevado da tríade oligofrênica (debilidade, imbecilidade e idiotia). No entanto, Deligny explora sua polissemia ao longo do texto, produzindo intencionalmente uma ambiguidade.

outro lado da mureta de sacos em que a farinha está apinhada, densa, quase dura. Aconteça o que acontecer no céu, eu não posso fazer nada. Um dos sacos de cima arrebentou. O tecido rasgado deixa entrever uma cratera que lembra a brancura de uma falésia. No fundo da cratera, um ninho com seis ratinhos do tamanho da falange do dedo mindinho. Eles dormem apilhados, cevados, fartos de sol, de leite e de vida.

Escuto o ruído dos aviões para saber se regressam até nós. Não tenho religião, nem crença, nem razão pessoal para estar ali, à margem do Loire, sob esses aviões que lançam bombas. Minha morte será como meu nascimento, totalmente involuntária. Apoio o queixo no tecido macio do saco arrebentado, carne de farinha, robusta e fresca ao fundo. Seis corpinhos acinzentados. Seus batimentos cardíacos e eu, mais perto deles que do meu capitão que lutou em Verdun, na outra guerra, e também luta nesta, por profissão; mais perto deles que de meu pai, a quem mataram em 1917, na granja de La Biette; mais perto desses ratinhos do que de qualquer um, por que eles vivem; tão alheios aos acontecimentos que não podem ser afetados. Quanto ao que me cabe, nas profundezas de mim mesmo, sou tão inocente, tão alheio, tão pouco homem quanto possível, minha vida é a mesma desses seis bichinhos, mas eu tenho um uniforme, e estou à beira desse rio, não me importa nada, como tudo o mais. Tão indiferente à geografia quanto à história. Fora do tempo e do espaço. Idiota. [13]

Junho de 1941

As guerras de hoje em dia não respeitam os idiotas. Não os respeitam de forma nenhuma. Não respeitam nada, nem aos idiotas, nem aos loucos.

Seis deles acabam de morrer sob os escombros do pavilhão 9, no imenso manicômio em que trabalho.

No entanto, vestiam seu uniforme cinza de veludo; esse veludo cinza de manicômio que aqui veste mais de mil pessoas. Bombas caíram durante a noite. Caíram aqui e não alhures, isso é tudo. É a estação das bombas. O pavilhão 9 se partiu em dois. Morreram seis loucos. É o cúmulo. Pois, se de um lado estão aqueles que se dedicavam a não fazer nada além de aguardar por seu pacote de tabaco a cada final de semana, talvez por dez anos, ou mais; em contrapartida emerge, entre outros, um comandante do esquadrão de

tanques de guerra, que está ativo, histórico, que fala na rádio para francesas e franceses e lhes diz que vale a pena morrer. Ele, não obstante, segue vivo, e viverá por muito tempo, enquanto esses débeis profundos morreram pela guerra, eles que não a provocaram.

Maio-junho de 1940

Me contaram, eu não estava lá.

Era a retirada ante o avanço das tropas alemãs...

Os loucos do hospital psiquiátrico de Armentières foram postos na estrada, em direção ao mar.

Sem dúvida, os aviadores inimigos deviam perguntar-se o que seria aquela coluna, aquele destacamento, aquele *corps-franc*³ em uniforme cinza e branco, que avançava hesitante pela beira da estrada, direto até o norte, até Dunkerque, tal qual uma vanguarda, como desertores – uma vez que davam as costas para frente –; aqueles apóstolos em retirada, enquadrados por suboficiais em uniforme azul, botões dourados, boinas cujas viseiras negras bem lustradas deviam refletir o sol: trabalhadores têxteis desempregados, em sua maioria; ao passo em que os guardas do manicômio temiam estar ali fora com uns loucos que eles sabiam ser perigosos. [14]

Não importa. Esta guerra não foi feita para matar apenas heróis, muito pelo contrário.

Depois tiveram que dar meia volta, regressar até Armentières. Não batiam as contas. Inclusive faltavam muitos.

Descontando a pilha de mortos, havia desaparecidos, muitos desaparecidos. Fugitivos? Não tinham certeza. Alguns haviam fugido, loucos de terror; aqueles que não encontraram a tropa, umas centenas, não mais. Há aqueles que regressaram nas semanas

³ Jargão militar derivado da forma alemã *Freikorps* (literalmente, “corpo livre”). Designa um grupo de combatentes (civis ou militares) ligados ou não a exército regular, tendo como tática o assédio direto ao adversário, sobretudo através de ataques surpresa. Por extensão de sentido, *corps-franc* também pode se referir a grupos paramilitares em geral.

seguintes, conduzidos por alguém, e aqueles que continuaram lá fora; entre estes, dezenas que nunca poderiam ter saído vivos do manicômio. Perigosos. Imbecis. Loucos perdidos.

E então, um mês após outro, um ano após outro, fomos sabendo. Trabalhavam aqui e ali como todo mundo, ninguém tinha nada o que dizer deles, só coisas boas. E entre eles, os piores, os perversos. A guerra não respeita nada. Dos que regressaram ao manicômio, metade morreu de fome.

Eu vivi cotidianamente aquele longo acontecimento de 1940 a 1943 – a morte lenta dos loucos no hospital psiquiátrico autônomo de Armentières, a morte lenta de um a cada dois; e a recuperação dos costumes do manicômio, alterados apenas por um imenso sinal de interrogação na cabeça dos médicos chefes: aqueles loucos inveterados que, de repente, deixavam de sê-lo.

Eles devem ter pensado que isso tinha a ver com a guerra, e que a desculpa de cuidar dos loucos não justificaria estar em guerra permanentemente; de qualquer forma, devem ter pensado que a guerra não dependia deles, e o que dependia deles, eles faziam, a saber: nada de evasões; suicídios, o mínimo possível; e a observação semanal, creio, ou mensal, já não me recordo, no prontuário de cada doente, página por página, incansavelmente – cristão como é o médico ou socialista como é o diretor, ganha-se a vida fazendo o que é pago. [15]

Novembro de 1965

As árvores vermelhas de novembro. As árvores da clínica psiquiátrica em que estou refugiado há nove meses.

Destas árvores, voltarei a falar.

Novembro de 1965 e é a guerra.

Há alguns dias, estávamos em cinco ou seis, numa reunião de militantes do Movimento pela Paz, no salão de uma *Bourse du Travail*⁴, à plena luz, bem aquecidos. Um ou dois professores, um contador, uma moça da ajuda operária, um rapaz da CGT⁵ comunista, secretário da UD⁶, condecorado com palavras em letras maiúsculas, no entanto, igualmente proletário, pelo que intuí de seu aspecto – um encarregado⁷ –, quando o vi chegar antes do início da reunião. Onde não há patrão, mandam os encarregados, e ele estava como em sua casa, naquele casarão da *Bourse du Travail*. Aquele homem era comunista, dirigente sindical, educador do povo. Para falar do quê, do povo? Do povo simples, sem educação? Com poucas palavras diferentes, dizia o mesmo que uma monitora de meninos retardados em uma sala desse castelo do século XIII. As mesmas palavras, o mesmo juízo, a mesma constatação e, além do mais, a mesma expressão facial. Aquele militante operário, “acostumado” às lutas sindicais, e aquela boa moça, altruísta monitora, pareciam irmãos. Ele conhecia os trabalhadores, homens e mulheres, sabia bem do que eram capazes; e nós, os intelectuais ou algo desse tipo, lhe parecíamos cômicos, isso se via de longe. E ela, a boa moça, do mesmo modo, os conhecia bem, àqueles retardados. Há anos que vivia com eles todos os dias do ano. Ela nunca caçoava, ou quase isso, era amavelmente cética sob sua pele rosada, enquanto o outro, o militante sindical, mostrava sarcasmo em todas as suas palavras, sarcasmo para conosco, desprezo cansado sobre aqueles de quem falávamos, os trabalhadores. E estava repleto de pretensão maledicente. Um educador. Seria melhor que não fosse também um pouco psicossociólogo. Mas era, aliás. Ele explicou por que os trabalhadores, cansados dos turnos, eram indiferentes ao Vietnã e aos vietnamitas. É claro, é preciso ver as coisas como elas são, ou seja, objetivamente. Deu-nos uma lição sobre a mentalidade do trabalhador. [16]

⁴ Uma *Bourse du Travail* era originalmente uma agência de empregos para trabalhadores assegurados pelos sindicatos. Tornou-se mais tarde um lugar, presente na maioria das grandes cidades francesas, onde se reuniram diferentes sindicatos de assalariados, permitindo aos sindicalistas exercerem suas atividades (reuniões, acolhida sindical, serviços de apoio, cultura operária etc.).

⁵ *Confederation Generale du Travail*, sindicato ligado ao Partido Comunista Francês (PCF).

⁶ Nas confederações sindicais e nas uniões sindicais francesas, o termo ‘Union Départementale’ designa o agrupamento dos sindicatos e sindicalizados de um mesmo departamento membro da confederação, independente da sua profissão.

⁷ No original, *concierge*, que designa pessoa encarregada da guarda de um imóvel ou de uma casa importante. A sequência do texto evidencia, nas recorrências da palavra, a razão pela qual prescindimos da solução mais imediata (porteiro, zelador, guardião), uma vez que as sentenças espirituosas de Deligny fazem oscilar seu sentido de tal maneira que torna insuficiente a tradução literal. Por sua vez, “encarregado” abrange tanto aquilo que denota o verbete original como ao sentido de ser responsável (*pris en charge*) por outrem – tutor, agente de detenção (política, pedagógica, psicológica etc.), assim como obstrutor de trânsitos (livre circulação), dentre outros.

Já a moça corada não dava lições. Sua opinião foi formada sem ajuda de ninguém, também tinha sido encarregada dos lugares onde passava o dia, do pequeno grupo de retardados que estavam sob sua responsabilidade, chefe da casa⁸. Eu já a tinha visto fazer isso ali onde eles costumavam ficar, ora jogando, ora pintando. Ela os conhecia, disso não resta dúvida, melhor que eu, que falava... de quê? Meios para mudá-los. A vi fazendo isso durante as tardes, plantada firmemente entre eles, como uma árvore, bem regada, paciente, imutável. Era amiga deles, dona da casa, transplantada entre aqueles bons para nada.

Sobre ela e seus semelhantes falarei novamente.

O outro, o militante revolucionário, não era um caso isolado. Filho do povo, o que ele pensa de suas origens? Acredita que o povo é o que é, que olha de cima em qualquer circunstância em que se perceba superior, e há alguma verdade no que diz. No que quer que seja dito, há sempre um pouco de verdade.

Falei à monitora do castelo sobre um retardado, mas para ela se tratava de um outro, não de algum dos que ela conhecia. E se falamos do povo de fora, do povo do Vietnam e de como vivem, é sempre outro povo, não aquele que os militantes conhecem como se o tivessem fabricado. De certa maneira, é verdade que eles o fabricam, tal como é, indiferente.

Maio de 1961

Esta cabra amarrada ao seu cocho, com o couro distendido pelo cabrito que vai nascer; este desenho a carvão sobre um papel cuja marca aparece sob o carvão esfregado, esse traçado é minha obra-prima.

Esse traçado tem uma longa história. Se eu contasse tudo de uma só vez, precisaria de milhares de páginas. Vou escrever milhares de páginas, pois, para contar esta história, a história desse traçado. De tempos em tempos falarei de outra coisa. Este traçado é um milagre, e se eu conseguisse contar propriamente sua história, eu não teria vivido em

⁸ No original, *tenancière*.

vão. Desde 1933 fui comunista, tinha vinte anos quando cheguei à Juventude Comunista⁹, com uma estrela vermelha na lapela. Mas que estranha maneira de ser comunista, em Lille, ao norte, estudante de letras. [17]

Em uma rua de Paris, havia uma pequena loja suja, pintada de vermelho por fora. Era a sede do partido. Quase sempre havia ali um homem a quem faltava um braço: conselheiro, membro permanente, responsável? Não sei. Em todo caso, nós não tínhamos o mesmo peso que ele. Ele era como uma estátua de bronze, e nós, pequenos seres vivos, jovens, precários, estudantes, pequeno-burgueses; e ele se chamava Poupon, agora recordei seu nome. Um Poupon¹⁰ monumental, e Deus sabe até que ponto éramos pequeno-burgueses, até o tutano dos ossos – vazios, para mergulhar melhor em todas as brisas ideológicas –, e ele, Poupon, era de bronze, vindo da rua Longues-Haies em Roubaix, esta rua com pequenos pátios que os guardas das tropas volantes evitavam cuidadosamente quando havia greve.

Não me lembro de Poupon ter falado conosco alguma vez. Talvez ocultasse seu sotaque diante de jovens cultos. Nós íamos ali, dois ou três, buscar os cartazes, naquele boteco desocupado onde, de pé e em silêncio, Poupon ficava junto ao balcão. Sobre aquele balcão do térreo que dava para a rua, nunca havia nada. Apenas o balcão deserto e Poupon de pé, em sua camisa de manga vaga.

Os cartazes estavam em uma pequena sala no andar de cima, sobre uma mesa, contra uma parede coberta com tapeçaria de papel vermelho, desgastado pela luz e salpicado de gesso rosa como a bochecha maquiada de uma velha. Minha família morava na mesma rua de Paris, meu tio vendia gravatas por atacado e minha tia flores artificiais – coroas de flores fúnebres e matrimoniais. E eu vinha buscar aqueles cartazes, com dois companheiros. À noite, os colávamos sem ler.

⁹ As Juventudes Comunistas (JC's) formam as alas jovens dos vários partidos comunistas espalhados pelo mundo.

¹⁰ Em francês, os bonecos e bonecas que representam bebês são chamados de *poupons*.

De que romances haviam saído esses gestos que fazíamos para colar aqueles cartazes de um Partido do qual não éramos membros, nem mesmo membros, sequer apêndices de membros: rabos¹¹.

Na verdade, também havia os dias de festa, com a fanfarra operária de Fives, que tocava *A Internacional* aos mil ecos, ressoando pelas paredes das casas; uma lufada de ar com toda a força majestosa da revolução em marcha no mundo inteiro, tudo triturado em mil ecos que caíam sobre o rumor grave do desfile como vidros quebrados; os guardas volantes no extremo [18] das ruas, em formação junto a seu caminhão, com os capacetes... E ali estava eu com toda a minha consciência, com toda minha confiança, um cisco ao vento.

Este é o comunista que eu fui em 1933, e eu não mudei muito ao longo da vida, preso ao momento, alheio à história, sem qualquer simpatia por Stalin ou Napoleão. Retardado.

Novembro de 1965

Faz um mês que estou preparando uma exploração pedagógica. Penso naqueles que me ajudaram nas tentativas anteriores. Vou escrever ao doutor Louis Le Guillant.

Recordo-me de um artigo seu que terminava assim:

“Dizem que Deligny tem se recolhido à educação das crianças retardadas. Espero que encontre algum médico entusiasta da fisiologia e trabalhe com ele nesta empreitada. Do contrário, o primeiro talvez escreva um romance, o segundo um tratado de medicina, mas nem um nem o outro terão compreendido e ajudado plenamente as crianças que lhes foram confiadas.”

Ele diz que me recolhi por ter me voltado às crianças retardadas? Mas por me concentrar nos adolescentes delinquentes, desajustados, psicóticos ou parapsicóticos,

¹¹ No original, *pinceaux* (pincéis), o que faz pressupor que Deligny se refere ao instrumento de afixação dos “lambe-lambes”, como se diz em português. Contudo, devido à declinação da sentença (membros, apêndice de membros...), optamos por uma solução não literal, mas que abrange tanto a conotação jocosa da frase quanto a imagem metafórica do pincel como rabo: em francês, este tipo de pincel também é conhecido como *queue-de-morue* (rabo de bacalhau).

deixava o destino dos retardados a cargo das freiras de hábito branco e sotaque italiano, que reinam sobre as setecentas camas deste depósito de lixo médico-pedagógico, do alto do qual Tichou me chamava ao me avistar de longe, preso numa cela por que, mais uma vez, havia comido o couro de seus sapatos ou golpeado – de cabeça baixa – a madre superiora. Tichou não me chamava para que eu o libertasse. Gritava meu nome. Ele estava bem lá em cima, atrás das grades da janela de vidros grossos, largos como a mão, alguns girando sobre si mesmos. De pé no parapeito, com os pés descalços e avental esfarrapado, Tichou via o pavimento da nacional Lille-Dunkerque. Ali passavam caminhões e mais caminhões para o carregamento de barcos. Os alemães se preparavam para desembarcar na Inglaterra. A Tichou e a mim, aquilo aliviava. Ele olhava o desfile dos caminhões enlonados e dos barcos. Via-me passar pela praça, [19] o chão preto de escórias¹². Gritava meu nome do alto. Dizia: caminhão..., barcos..., soldados. Mas os soldados passavam entre o barulho dos caminhões e dos barcos; já eu, chegava provido de orelhas e Tichou sabia meu nome. Bradava, nada mais. Tenho certeza desse nada mais. Nenhuma ilusão entre nós. Nunca tive um amigo mais próximo. Tichou não dizia: caminhão..., barcos..., soldados. Não sabia o nome dessas coisas, pois viveu praticamente aprisionado desde que nasceu. Caminhão, talvez? O caminhão é um objeto de manicômio tanto quanto “Deligny”, objeto do manicômio a que Tichou vinha olhar quando eu abria a porta da minha sala ao pátio vazio. Às vezes era Tichou quem perambulava, descendo temporariamente da cela¹³. Usava camisa de força. Só o deixavam sair quando os demais já haviam entrado. Ele parava a cinco ou seis metros... Eu o via através do limiar da porta. O pátio vazio parecia muito grande. Uma arena de tourada. E esse tourinho que me olhava, de braços atados às costas pelas mangas de lona grossa, toda sua força vincada na testa franzida. Não se mexia. Então eu acionava um gramofone negro – em que devia dar corda frequentemente – tocando Bach. Os outros quinze, sentados diante de suas bonitas mesas na sala, com tampo de cortiça e pernas azuis, se entretinham fingindo que escreviam ou fazendo cestos de massa de modelar, igualmente tomados pela música de Bach. Alguns observavam o girar do disco. A paz mais bonita que pude conhecer. No céu azul a perder de vista, aviões se metralhavam num jogo que remetia a um enxame de moscas ao sol.

¹² A palavra é usada em sua acepção mais literal (resíduo sólido e silicoso proveniente da fusão de minerais metálicos).

¹³ No original, *chambre cellulaire*.

Algumas vezes chegavam de longe, de um dos pátios do pavilhão, fragmentos do discurso de algum que delirava; se me lembro bem, a voz suscitava perguntas ao monsenhor bispo de Orleans, e eu tinha que me desdobrar para que Tichou não se aborrecesse. Mexia-me. Escorava com um caderno o tablado que não necessitava ser escorado, mas assim se produzia todo um circo de gestos: levantar com uma mão o tablado que sustentava a mesa, sem exagerar para que a agulha do disco não saltasse, e com a outra mão apanhava o caderno para deslizá-lo sob o tablado suspenso. Gestos captados no olhar de Tichou, ao som da música de Bach que nos fazia companhia, no próprio umbigo da guerra.

Tradução:

Thalita Carla de Lima Melo

Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)